

Escrito a vermelho,
tem um brilho de suor
o livro de maio.

Livro de maio

COMPRIMIDO II



João Pedro Méseder
nasceu em 1957, no Porto, e é autor de mais de trinta títulos, alguns deles premiados, nas áreas da poesia (*Elucidário de Youkali* e

outros), da narrativa breve (*Contos do Quarto Minguante*), do aforismo (*Guias Sonoras e Outras Abrasivas*) e da escrita para a infância (*Tudo É sempre Outra Coisa*, entre muitos outros). Nome literário de José António Gomes, Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Doutorado em Literatura Portuguesa do século XX pela Universidade Nova de Lisboa, publicou estudos sobre Literatura Portuguesa e Literatura para a Infância e a Juventude, além de antologias.

Entre o nome livro
e o adjetivo livre
um verbo: ler.

Liberdade

COMPRIMIDO I

Abril de 2015

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO III, IV e V

É um livro, o mar.
Pescadores, marinheiros
sem parar o lêem.

*

Outro livro: a terra,
que aprenderam a ler
os bons camponeses.

*

A montanha é um livro
que os velhos aldeões
não se cansam de ler.

COMPRIMIDO VI, VII e VIII

Um gato no colo
dorme sob um toldo: livro
nas mãos da leitora.

*

Galo a ler a luz.
Mocho a ler a noite. E gato
o sol de inverno.

*

Leio à sombra de árvore.
Compensar o meu silêncio
é o papel dos pássaros.

COMPRIMIDO IX, X e XI

Biblioteca pública.
Livros sobre solidão
- que aqui não procria.

*

Espreita um marcador
de entre as páginas dum livro.
A casa é habitada.

*

Um livro na estante.
A espera silenciosa
- coração e olhos.

COMPRIMIDO XII, XIII e XIV

Ler muito amarrota
os olhos de, tão abertos,
buscarem a luz.

*

Livros e silêncio,
duas pátrias sem fronteiras.
Apátrida é o ruído.

*

Não gasta um minuto
a ler um poema. Quem é
este presidente?

APÓLOGO

- Não gosto da palavra «cidadão» – dizia o primeiro livro. – Provoca-me urticária, o que é péssimo para a saúde do papel.
- E de «cidadania»? – inquiriu o segundo.
- Não me agrada tão pouco. Soa a... mediania. Diz tudo e nada diz.
- É a raiz da palavra que te incomoda?
- Começa por aí – respondeu o primeiro com ar de quem principia a especular. – Imagina tu um livro sem prateleira, a dormir por onde calha, à chuva, ao relento...
- Um livro sem abrigo, queres tu dizer. Mas mesmo esse não deixa de ser um cidadão livre, ou melhor, um cidadão livro.
- E achas tu que é tão cidadão, e tão livre, como um de luxo, encadernado, alapado no alto da prateleira? Um livro com o seu papel couché, capa em carneira e dourados, pesando sobre todos os outros, postos na prateleira de baixo, só porque são livros de bolso?
- Vê bem: os livros não se medem aos palmos.
- Seja. Só que esse cidadão gordo e encadernado não é igual ao cidadão roto e sem capa, não te parece? Porquê chamar a ambos cidadãos? Cheira-me a uma daquelas palavras usadas para... esbater diferenças.
- Democraticamente, dir-se-ia.
- Pensa comigo. Não será antes para dar a ilusão de que acabaram certas diferenças? É por isso que, em vez de democraticamente, eu prefiro dizer: insidiosamente. Vê lá tu bem a que cheira, neste caso, a democracia: a papel húmido e a mofo.
- Anda embora. Falta-me o ar. Preciso de arejar as folhas. Viste por aí o meu desbotado marcador?

Comprimidos Literários de João Pedro Mésseder

Ilustração de Juan Sebastián Carrero

9